



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

Jucelia Sousa Silva

A ESPETACULARIZAÇÃO DA MATERNIDADE NAS REDES SOCIAIS

Palmas – TO

2019

Jucelia Sousa Silva

A ESPETACULARIZAÇÃO DA MATERNIDADE NAS REDES SOCIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Dra. Irenides Teixeira

Palmas – TO

2019

Jucelia Sousa Silva

A ESPETACULARIZAÇÃO DA MATERNIDADE NAS REDES SOCIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Dra. Irenides Teixeira

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Irenides Teixeira

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Profa. Dra. Renata Alves Bandeira

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. Me. Sonielson Luciano de Sousa

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2019

Dedico este trabalho à minha família, em especial a minha mãe, meu pai e minha avó Luci (em memória).

AGRADECIMENTOS

Primordialmente agradeço a Deus que permitiu todo o percurso até a chegada desse momento. A trajetória foi longa e árdua, mas me proporcionou um crescimento pessoal e profissional, outrora, jamais dimensionado. Os momentos vivenciados na academia fizeram parte de uma construção de aprendizados e experiências que jamais serão esquecidos e que, com certeza, carregarei comigo por toda a vida. Agradeço à Ele cuja vontade é sempre “boa, perfeita e agradável!” (Romanos 12:2).

À minha família, um coração grato, pela compreensão, incentivo, apoio e amor, muito amor atribuídos a mim. Eu amo muito vocês, e não me veria chegando até aqui sem a contribuição de cada um!

Ao meu esposo (Lucas) pelo encorajamento ainda no início, quando escolhi este curso, e que desde então tem colaborado para a superação de fases, me presenteando com apoio e afeto, os quais foram essenciais para essa jornada!

À minha irmã Gisely, tia Rosa e Werley, meu muitíssimo obrigada por sempre me mandarem os vídeos do “Theozinho” (primo) que serviram de incentivo, principalmente nas horas em que eu me encontrava aos prantos, uma vez que, ver esses vídeos enchiam o meu coração de amor, e a minha boca de risos. Esse serzinho que ainda bebê, não tem dimensão do papel extremamente importante que ocupou, essencialmente nesse período.

À minha orientadora, Profa. Dra. Irenides Teixeira, pela paciência e compreensão, mesmo eu chegando para a supervisão dizendo não ter conseguido evoluir quase nada. Obrigada por acreditar, motivar e propiciar um voo livre de uma acadêmica, muitas vezes, tão insegura. Você é um exemplo de pessoa e profissional.

À minha banca de qualificação, Profa. Dra. Renata Bandeira e Prof. Me. Sonielson Sousa, pelas contribuições e por proporcionarem trocas de aprendizado, tanto nas disciplinas ministradas com maestria, quanto neste trabalho.

Por fim e não menos importante, aos meus amigos e colegas da faculdade, que fizeram parte desse percurso longo e árduo, minha gratidão. Agradeço cada abraço, cada palavra de incentivo e elogio nos dias em que mais precisei. Obrigada por aquele “oi, precisa de ajuda?” ou “Como você está?”, tenham certeza que nada disso passou despercebido.

“Acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição ”
(COLOSSENSES 3:14).

RESUMO

SILVA, Jucelia Sousa. **A espetacularização da maternidade nas redes sociais**. 2019. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2019.

O trabalho exposto aborda a espetacularização materna nas redes sociais e quais aspectos podem estar envolvidos nesse processo. Tendo em vista que há uma forte influência, utilização e exposição nos aparatos tecnológicos, bem como a inserção de crianças nesse meio, buscou-se relacionar o uso das redes sociais no percurso da gravidez e maternidade, com o objetivo de identificar a partir das narrativas maternas o impacto dessa relação mediada por imagens na subjetividade do sujeito, principalmente ao publicar narrativas de fórum íntimo na esfera pública (redes sociais), os fatores psicológicos, e a representação do narcisismo materno nas redes sociais. A priori, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, a fim de levantar materiais já publicados sobre a temática. Posteriormente a coleta de dados foi iniciada, utilizando a pesquisa documental de primeira mão (publicações nas redes sociais). Para análise dos resultados foi empregue a abordagem qualitativa, com objetivo exploratório, descritivo e explicativo. Foram analisadas entre setembro de 2018 a setembro de 2019 as publicações (desde a descoberta da gravidez até o aniversário de 10 e 12 meses dos bebês) de dois perfis maternos (perfil padrão e perfil comercial) nas redes sociais Instagram e Facebook. Os resultados indicaram que há uma espetacularização materna nas redes sociais e essa é permeada por um conjunto de fatores, os quais envolvem o narcisismo materno, cultura material, status, pressão social, capitalismo, e aspectos psicológicos intrínsecos a esse contexto.

Palavras-chave: Redes sociais. Maternidade. Espetacularização.

ABSTRACT

SILVA, Jucelia Sousa. **The spectacularization of motherhood in social networks.** 2019. 48 f. Course Completion Work (Undergraduate) - Psychology Course, Lutheran University Center of Palmas, Palmas / TO, 2019.

The exposed work addresses the maternal spectacularization in social networks and which aspects may be involved in this process. Given that there is a strong influence, use and exposure in technological apparatus, as well as the inclusion of children in this in the mean, we sought to relate the use of social networks in the course of pregnancy and maternity, in order to identify from the maternal narratives the impact of this relationship mediated by images in the subjectivity of the subject, especially when publishing narratives of intimate forum in the public sphere (social networks), psychological factors, and of maternal narcissism in social networks. Initially, we used the bibliographic research in order to raise already published materials on the subject. Subsequently, data collection was using first-hand documentary research (social media publications). For the analysis of the results the qualitative approach was used, with goal exploratory, descriptive and explanatory. Analyzed from September 2018 to September 2019 publications (from the discovery of pregnancy to the 10 and 12 month of babies) from two maternal profiles (standard profile and commercial profile) on social networks Instagram and Facebook. The results indicated that there is a maternal spectacularization in the social networks and this is permeated by a set of aspects, which involve the maternal narcissism, material culture, status, social pressure, capitalism, and aspects psychological intrinsic to this context.

Keywords: Social networks. Maternity. Spectacularization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 — Instrumento de coleta de dados.....	34
Quadro 2 — Identificação do Perfil 1.....	35
Quadro 3 — Identificação do Perfil 2.....	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Principais desenvolvimentos típicos em oito períodos do desenvolvimento humano.....	21
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Perfil 1. Fotos que envolvem o bebê.....	37
Gráfico 2 – Perfil 2. Fotos que envolvem o bebê.....	37
Gráfico 3 – Perfil 1. Total de fotos de nov/2018 a set/2019.....	40
Gráfico 4 – Perfil 2. Total de fotos de set/2018 a ago/2019	40
Gráfico 5 – Perfil 1. Fotos com o bebê X fotos sem o bebê	41
Gráfico 6 – Perfil 2. Fotos com o bebê X fotos sem o bebê	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Facebook	FB
Instagram	IG
Redes Sociais	RS

Sumário

1	INTRODUÇÃO	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1	Maternidade e sua evolução	16
2.1.1	Desenvolvimento humano e a relação mãe-bebê	19
2.2	A sociedade do espetáculo.....	23
2.3	Redes sociais e subjetividade: narrativas íntimas da vida privada na esfera pública ...	26
2.4	Narcisismo e contemporaneidade.....	30
3	PERCURSO METODOLÓGICO	33
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

Muitos estudos abordam individualmente as redes sociais, narcisismo, espetacularização, no entanto, poucos relacionam esses temas em conjunto com a maternidade e aos seus efeitos em uma trajetória permeada por mudanças físicas, psicológicas e sociais. Percebendo a influência da era digital, a exposição de crianças que já nascem imersas nesse meio, o consumo e o espetáculo embutidos numa mesma esfera, surgiu então a ideia de realizar uma pesquisa que se destinasse a investigar, identificar e analisar de que forma ocorre a espetacularização da maternidade nas redes sociais.

A exposição de conteúdos privados relacionados a qualquer área da vida têm ganhado espaço e evidência na sociedade contemporânea, e as redes sociais demonstram isso, é como se houvesse uma certa compulsão pelas mídias digitais e uma necessidade eminente em exibir publicamente esses conteúdos abertos e confidenciais. Em torno da maternidade, não tem sido diferente uma vez que, pode-se considerar proeminente a exposição de todas as fases da maternidade, desde a descoberta da gravidez até o nascimento do bebê, envolvendo nesse cenário uma tendência a objetificação da gravidez, do qual de sobremodo o capitalismo se beneficia, visto que o mercado e a mídia para este nicho se engajam aceleradamente para criar uma série de adereços e propagandas, investindo e causando uma repercussão imensa e inteligente nesse seguimento.

Para responder ao problema de pesquisa, utilizou-se os objetivos específicos como subsídios para atingir o intento proposto, dedicando-se a investigar as narrativas publicadas pelas mães, analisando os conteúdos expostos e fatores psicológicos implicados, bem como identificando os possíveis impactos na subjetividade do sujeito a partir das relações mediadas por imagens.

Para atender ao tema, estruturou-se o referencial teórico em quatro capítulos e um subcapítulo, nos quais foram abordados conteúdos sobre a maternidade e sua evolução, desenvolvimento humano e a relação mãe-bebê, sociedade do espetáculo, redes sociais, subjetividade, narcisismo e contemporaneidade.

No que tange a maternidade e sua evolução, delineou-se um contexto histórico de como esse papel era percebido na antiguidade e das mudanças que ocorreram na percepção do “papel de mãe” na contemporaneidade, mencionando também os fatores biológicos, psicológicos e sociais dessa fase que influenciarão no modo como a mãe irá perceber e assimilar esse estágio da vida. Na relação mãe-bebê, foi apresentado a importância do apego, situando que desde o período pré-natal o feto já corresponde à voz da genitora e que o contato (se de forma segura),

da mãe para com o bebê desde o início da gravidez trará benefícios a curto e longo prazo para vida da criança.

No que tange a sociedade do espetáculo, foi aludido sobre as relações sociais sendo mediada pelas imagens, a presentificação e a necessidade do indivíduo contemporâneo em estar ligado aos meios eletrônicos. O tecer de narrativas construídas a partir de espetáculos também foi abordado, elencando os aspectos do capitalismo e da cultura material da gravidez que configuram a sociedade atual.

No que concerne as redes sociais e subjetividade, abordou-se sobre o surgimento da internet, bem como uma das primeiras redes sociais a fazer sucesso, situando também o Facebook e Instagram (redes utilizadas nessa pesquisa). Retratou-se ainda sobre a subjetividade do sujeito que ganhou novos delineamentos através das tecnologias comunicacionais. O último capítulo aborda o narcisismo, o qual têm acompanhado as transformações contemporâneas e ganhado novos delineamentos.

Por fim, justifica-se que o interesse por essa pesquisa surgiu a partir de uma curiosidade do pesquisador em relação a demasiada publicização materna nas redes sociais (tanto de celebridades, quanto de pessoas “comuns”) visto que como apresentado, têm sido recorrente e os resultados demonstraram isso, bem como sugeriram que esse cenário pode contribuir para estruturação da identidade do bebê e reorganização da mãe que passa a desempenhar novos papéis, como pode também ocasionar danos à saúde física e mental, se utilizados de modo desajustado. Desta forma, fomenta-se a importância da psicologia para essa realidade, dado que é uma ciência voltada para o ser humano e para as relações que ele estabelece consigo e com o mundo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Maternidade e sua evolução

Falar em maternidade num conceito amplo remete aos diferentes contornos de ser mãe além da gravidez em si, como um processo biológico, visto que essa nomenclatura pode atender a diversas maneiras pelas quais um indivíduo possa se tornar mãe e vivenciar essa maternidade, seja pela adoção, inseminação artificial, ou por outros métodos que o permita inteirar-se nessa experiência estando associados ou não à consanguinidade (COSTA; ROSSETTI-FERREIRA, 2007).

Nesta pesquisa, foi retratada a gravidez/maternidade primípara (primeiro filho), que para Piccinini et al (2012) se trata de uma etapa com extensas modificações, em especial para as mães que estão passando por esta experiência pela primeira vez. Faz-se necessário explicitar brevemente sobre esse fenômeno biológico que acarreta várias mudanças físicas, psicológicas e sociais. Conforme a Caderneta da Gestante (2018), a gestação normalmente varia entre 37 e 41 semanas, e este é um período que várias transformações ocorrem na mulher.

Um outro momento associado e que ocorre logo após a gestação, sendo assim um divisor da nova identidade da mulher é o período do parto, o momento do nascimento do bebê, e que não deve ser pensado somente como um acontecimento biológico, em razão de ser um instante no qual transfigura-se constituindo um período emocionalmente suscetível a vulnerabilidades em virtude das intensas mudanças intra e interpessoais que são estimuladas pelo parto, onde a mãe também atribui uma nova interpretação à experiência da maternidade (BORSA, 2007). Ainda sobre o parto, Lopes et al (2005, p. 248) afirmam que

do ponto de vista psicológico, o parto constitui-se em um momento em que as expectativas e ansiedades que acompanharam a gestante ao longo de meses acabam por tomar uma dimensão real, confirmadora ou não das esperanças e medos que cercam o parto. Parte-se do pressuposto de que o parto é um evento que acompanha todo o processo de gestação e puerpério, uma vez que ele já é antecipado na gravidez sob a forma de expectativas, e continua sendo referido após sua conclusão, na forma de lembranças e sentimentos que acompanham a mãe, fazendo parte de sua história.

Para Piccinini et al. (2008) o modo como a gestante vive e experiencia a gravidez e todas essas alterações biológicas, sociais, psicológicas e somáticas que influenciam na atividade psíquica, refletem demasiadamente na construção da maternidade e no vínculo mãe-bebê. Ainda que a maternidade possa ser relativa à fase de concepção, os mesmos autores corroboram com a ideia de que a concepção tem início previamente na infância, desde a afinidade e identificação da mulher, transitando a partir do entretenimento lúdico ainda na infância, até de fato o anseio por um filho, chegando então a gravidez efetiva, tornando-se um período de

reorganização e ressignificação na vida da mulher, bem como nas atribuições que passa a exercer (PICCININI et al. 2008).

A princípio e de forma superficial, considera-se a maternidade como parte do ciclo vital, sendo uma experiência pessoal de conceber um filho, protagonizada por algumas mulheres em determinado momento de sua vida. Essa experiência traz consigo muitas mudanças, e cada mulher, a partir de suas características pessoais, atuam de forma diferente às modificações decorrentes da maternidade (RAPOPORT; PICCININI, 2006). Assim, compreende-se que ter um filho representa um significado singular para cada mãe e, que a forma de vivenciar, elaborar e perceber esse período dependerá de peculiaridades individuais e culturais.

Traçando a história materna é possível perceber variações ao longo dos anos, a começar pela visão “tradicional” da constituição da maternidade e do ideal de ser mulher. Segundo Trindade e Enumo (2002, p. 2)

historicamente, a maternidade construída como o ideal maior da mulher, único caminho para alcançar a plenitude, a cabal realização da feminilidade, em sincronia com a necessidade da anulação pessoal, da abnegação e do sacrifício prazeroso começa a tomar forma no Ocidente nas últimas décadas do século XVIII. Surge então o ideário do devotamento e do sacrifício e a maternidade passa a ser entendida como um sofrimento voluntário e indispensável para a mulher normal, o que ainda hoje está fortemente presente no pensamento social.

Para Moura e Araújo (2004) a maternagem por muito tempo foi considerada intrínseca, ou seja, pertencente à mulher, sendo próprio de sua natureza a missão de excelência na maternidade. Outrora havia também um papel estruturado tradicional conforme o gênero, onde concernia a mulher a obrigação de gerar um filho, zelar e educar o mesmo, bem como ser responsável pelo cuidado com o lar (PICCININI et al. 2008). A partir do século XX em diante esse papel mudou, principalmente após as mulheres ingressarem no mercado de trabalho, o que possibilitou sua inserção também na parte financeira da família, constituindo a partir de então uma nova estrutura familiar, onde essa função passa a ser compartilhada com o pai, que deixa de ser o único provedor do lar (WAGNER et al. 2005).

A crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, vivenciando uma nova construção da sua identidade e aderindo aos mais diversos papéis, seja no teatro, no esporte, na música, nas universidades, enfim, têm levado ao reconhecimento do seu papel em diferentes nuances, desvinculando-se, em parte, da visão que a sociedade presumia sobre a mulher-mãe, exclusivamente cuidadora do lar, marido e filhos, e de certa forma, tida na antiguidade como um objeto para procriação. Ainda que esses papéis venham ganhando espaço, incentivando a profissionalização e culminando no direito de escolha e liberdade da mulher, a expectativa para

que em algum momento de sua vida venha ser mãe, permanece. Desta forma, Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) reiteram que tanto há uma cobrança para o público feminino, para que este estude e se profissionalize, como também corresponda as perspectivas da sociedade em exercer seu papel “primordial”, o de mãe.

Apesar dessas mudanças e do espaço que a mulher tem conquistado arduamente, muitas ainda preferem exercer o papel imposto historicamente, e não há problema quanto a isso, desde que essa escolha seja voluntária. A partir dessas mudanças no contexto histórico, observa-se que há diferentes nuances atribuídas a maternidade: a mulher que decide pelo papel tradicional da maternidade, a que adia a maternidade para ir em busca de outras prioridades, como por exemplo a carreira profissional, as que optam pela junção dos dois anteriores, tentando manter um equilíbrio entre as duas tarefas, dentre outros modelos maternos (SCAVONE, 2001; CANANÉA; ROCHA; TARGINO, 2018).

Porém, as mães contemporâneas que optam por ter filhos, mas que ao mesmo tempo investem na carreira profissional, de acordo com Beltrame e Donelli (2012) acabam dividindo-se entre o público e o privado e as oposições de valores que discriminam esses dois espaços. Os mesmos autores ainda apontam que a tentativa de conciliar as duas esferas pode ocasionar conflitos. Cabe ressaltar ainda que essas mães são com frequência “repudiadas”, principalmente por contradizer as expectativas da sociedade, ao enviarem seus filhos com antecedência para creches/berçários, passando assim menos tempo com a criança.

Apesar de, ainda hoje, a maternidade ser vista por muitos como algo “sagrado”, nota-se que muitas “obrigações” antes impostas a mulher mudaram, como por exemplo a liberdade de escolha em ser ou não mãe, o que de acordo com Schneider (2018) configura-se como uma decisão a ser tomada e não mais como uma sina irrevogável.

O livro de Elisabeth Badinter “Um Amor Conquistado: o mito do amor materno” traz em seu enredo conteúdos relacionados a construção da maternidade e incita para um pensamento mais abrangente do tão falado amor materno, instinto, propensão feminina inata, dentre outras nomenclaturas relacionadas a tal afeto. Badinter (1985) expõe que a incerteza, vulnerabilidade e imperfeições fazem parte de todo sentimento, e que o amor materno é também apenas um sentimento humano, sujeito a todas essas fragmentações que o constituem. A autora ainda traz questões interessantes, que geram reflexões acerca da maternidade, com intuito de explicitar que talvez o tão falado “instinto materno” tende a representar uma mitológica imposição, mais conhecida como pressão social, na qual assimila a realização de uma mulher quando esta se torna mãe, e dentre essas indagações cabe destacar a provocação ao leitor ao

inquirir sobre “que vem a ser um instinto que se manifesta em certas mulheres e não em outras? [...]” (BADINTER, 1985, p. 354).

Uma pesquisa realizada por Piccinini e outros autores (2008) com o objetivo de explorar questões relacionadas à maternidade e os sentimentos envolvidos na relação mãe-bebê, destacando principalmente o período de gestação e a constituição da maternidade, abordou quatro categorias, sendo elas: as transformações corporais, psicológicas, conjugais e o tornar-se mãe. Cabe ressaltar que os resultados dessa pesquisa apontaram para influência que as categorias citadas refletem na estrutura da maternidade, assim como na relação mãe-bebê.

Alguns resultados dessa pesquisa por incrementarem esse trabalho serão citados, a começar pelo indicativo de que no período da gravidez a mulher tende a experimentar sentimentos avassaladores no que tange ao tornar-se mãe e dos papéis que deverão ser desempenhados, atrelado a isso ocorrem também as transformações psicológicas decorrentes de vários sentimentos que muitas vezes se chocam, tendo como exemplo sentimentos de incongruência, compatibilidade, repulsa, dentre vários outros que compõem esse universo materno. Se tratando de mães primíparas, considera-se que essas mudanças atribuem uma veemência ainda maior, por ser algo novo e em algumas situações, até inesperado (PICCININI et al., 2008).

Ante o que foi apresentado sobre a maternidade e suas construções e desconstruções, constata-se que é um ciclo repleto de novidades, aprendizagens, influências, mitos, medos, dentre outros eventos que constituem esse período tão complexo, o qual ao longo da história passou e têm passado por constantes mudanças e configurações. Esse conjunto de eventos fazem parte de uma experiência dotada de significado e valor afetivo, não deixando de consistir a partir da ótica psicológica, em uma tarefa repleta de conflitos e angustias que coexistem paralelamente com os deleites e gratificações da maternidade, os quais influenciarão diretamente na forma como a mãe irá perceber e elaborar esse estágio da vida (DE FELICE, 2006).

2.1.1 Desenvolvimento humano e a relação mãe-bebê

Neste capítulo será abordado o processo de desenvolvimento da criança, bem como a relação da mãe com o bebê e o quanto esse vínculo/apego se torna essencial para o desenvolvimento físico, cognitivo e psicológico da criança, repercutindo assim em toda sua construção enquanto ser humano.

De acordo com Magnusson e Cairns (1996) conforme citado por Dessen et al. (2005), numa visão geral, pode-se definir o desenvolvimento humano como qualquer processo de modificação gradual e contínua que decorre a partir de interações determinadas dentro de um contexto, o que envolve desde os processos biológicos do organismo até as mudanças sócio-históricas no decorrer do tempo.

Papalia e Feldman (2013) também discorrem sobre o desenvolvimento humano, onde definem como uma área que se dedica no estudo científico dos processos sistemáticos de mudança e equilíbrio que ocorrem no indivíduo, além de observar as particularidades em que as pessoas se modificam desde a concepção até a maturidade, reconhecendo que este é um processo que perdura por toda a vida. Ainda de acordo com os mesmos autores “desde o momento da concepção, tem início nos seres humanos um processo de transformação que continuará até o final da vida. Uma única célula se desenvolve até se tornar um ser vivo, uma pessoa, que respira, anda e fala” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 36).

Ainda no livro “Desenvolvimento Humano” de Papalia e Feldman (2013) é apresentado três fases/períodos do desenvolvimento pré-natal, são elas: germinal, embrionário e fetal. A primeira fase refere-se às duas primeiras semanas do desenvolvimento pré-natal e são caracterizadas pela rápida divisão celular, formação do blastócito e implantação na parede do útero. O período embrionário, segunda fase, é marcado pelo acelerado crescimento e desenvolvimento dos principais sistemas e órgãos do corpo, e por último a fase fetal, sendo o período final da gestação, definida pela progressiva distinção das partes do corpo e aumento de seu tamanho.

Uma tabela dos principais desenvolvimentos típicos em oito períodos do desenvolvimento humano também é pautada no livro, e dentro de cada período o desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial, no entanto, aqui iremos evidenciar somente os dois primeiros, a saber: período pré-natal (da concepção ao nascimento) e primeira infância (do nascimento aos três anos). Segue abaixo um recorte da tabela.

Tabela 1 — Principais desenvolvimentos típicos em oito períodos do desenvolvimento humano

TABELA 1.1 Principais desenvolvimentos típicos em oito períodos do desenvolvimento humano			
Faixa etária	Desenvolvimento físico	Desenvolvimento cognitivo	Desenvolvimento psicossocial
<i>Período Pré-natal (da concepção ao nascimento)</i>	Ocorre a concepção por fertilização normal ou por outros meios. Desde o começo, a dotação genética interage com as influências ambientais. Formam-se as estruturas e os órgãos corporais básicos: inicia-se o surto de crescimento do cérebro. O crescimento físico é o mais acelerado do ciclo de vida. É grande a vulnerabilidade às influências ambientais.	Desenvolvem-se as capacidades de aprender e lembrar, bem como as de responder aos estímulos sensoriais.	O feto responde à voz da mãe e desenvolve preferência por ela.
<i>Primeira Infância (do nascimento aos 3 anos)</i>	No nascimento, todos os sentidos e sistemas corporais funcionam em graus variados. O cérebro aumenta em complexidade e é altamente sensível à influência ambiental. O crescimento físico e o desenvolvimento das habilidades motoras são rápidos.	As capacidades de aprender e lembrar estão presentes, mesmo nas primeiras semanas. O uso de símbolos e a capacidade de resolver problemas se desenvolvem por volta do final do segundo ano de vida. A compreensão e o uso da linguagem se desenvolvem rapidamente.	Formam-se os vínculos afetivos com os pais e com outras pessoas. A autoconsciência se desenvolve. Ocorre a passagem da dependência para a autonomia. Aumenta o interesse por outras crianças.

Fonte: PAPALIA; FELDMAN. *Desenvolvimento Humano* (2013, p. 40).

A partir do momento em que a mulher descobre a gravidez, surge então ambivalência de sentimentos, bem como expectativas direcionadas ao bebê imaginário, que passa a ser idealizado durante toda a gravidez, principalmente após a primeira ultrassonografia, instrumento que permite a partir de ondas sonoras de alta frequência, detectar os contornos do feto, bem como acompanhar o crescimento, movimento, posição e sexo do futuro bebê, dentre outras vantagens (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Conforme mostrado na tabela acima, percebe-se que durante o período pré-natal, o feto responde à voz da genitora e passa a desenvolver uma preferência por ela, assim, Piccinini et al (2004) pondera que a partir desse período já se inicia uma relação da mãe com o bebê, sendo constituída e influenciada por meio das expectativas que a mãe tem sobre o bebê e pela interação que é estabelecida entre ambos, sendo as expectativas a porta de entrada principal para a relação mãe-bebê que se estabelece depois do nascimento.

No segundo período que se dá após o nascimento, já inicia a formação dos vínculos, principalmente com os pais/cuidadores. No entanto, vários estudos apontam que para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo saudável da criança, o vínculo materno-infantil é o principal, refletindo ao longo de sua vida (BORSA, 2007).

Partindo do pressuposto de que seres humanos são seres sociais, e que desde o início da vida são desenvolvidos no meio de uma conjuntura histórica e social, outros pesquisadores

reiteram que é nesse segundo período que ocorre também a associação da relação complexa entre o bebê e o ambiente que o permeia, e onde a identidade do bebê começa a ser formada, momento evidente em que a mãe também é fundamental, sendo mediadora entre a criança, cenários e objetos que o envolvem, uma vez que para o bebê o contexto imediato tende a ser a família (RÉ, 2001; PAPALIA E FELDMAN, 2013; DRAMALI E KARAM, 2017).

Remeter-se a relação mãe-bebê, é também reportar-se ao apego, que tem por sinônimo afeto, fraternidade, carinho, simpatia, desejo, ternura e etc., designando de acordo com Dicionário Online, uma ampla gama de experiências sensíveis que pode estar relacionada a afeição, dedicação, ligação por algo ou alguém. No entanto, alguns autores dão uma explicação mais intensa para esse fenômeno.

Bowlby, é um dos nomes mais influentes relacionados principalmente a teoria do apego, para ele o apego é um comportamento social de extrema importância, e em se tratando da relação mãe-bebê têm um significado ainda maior

[...] o comportamento de apego é visto como aquilo que ocorre quando são ativados certos sistemas comportamentais. Acredita-se que os próprios sistemas comportamentais se desenvolvem no bebê como resultado de sua interação com o seu meio ambiente de adaptabilidade evolutiva e, em especial, de sua interação com a principal figura nesse meio ambiente, ou seja, a mãe (BOWLBY, 1990, p. 194).

Papalia e Feldman (2013) situam o apego como um vínculo correspondido e duradouro entre o bebê e o cuidador, onde ambos contribuem para eficácia do relacionamento, e ainda enfatiza que de acordo com a teoria etológica, os bebês e seus pais encontram-se biologicamente propensos a se apegarem um ao outro, sendo o apego um facilitador a sobrevivência da criança. Outra questão relacionada ao apego, dá-se em função da relação de dependência do bebê para com os pais, pois depende deles para se alimentar e abrigar-se, além de poder suprir suas necessidades de contato humano e afeiçoamento. Cabe inteirar que, segundo Maheirie (2002) a qualidade do afeto/apego dependerá dos conteúdos singulares da história de vida do sujeito que engloba o contexto histórico, social e político.

Piccinini et al (2004) também se reporta a importância do apego em sua pesquisa, e expõe o papel do pai e aceitação deste pelo bebê como um agente importante para o estabelecimento e qualidade do apego da mãe ao bebê.

Por fim, destaca-se o quão importante é o apego seguro da mãe para com o bebê, o que produz efeitos a curto e longo prazo, afetando a capacidade cognitiva, emocional e social da criança, propiciando melhores repertórios de relacionamento com os outros, autonomia e habilidades para lidar com frustrações, no entanto, cabe ressaltar também que sendo esse apego inseguro, suas consequências tendem a ser o inverso do anterior apresentado.

2.2 A sociedade do espetáculo

Falar em sociedade do espetáculo é também lembrar do filósofo, “agitador social” e diretor de cinema Guy Debord, que definiu o espetáculo não como uma junção de imagens, mas sim como um conjunto das relações sociais entre pessoas mediada por imagens, onde a vida das sociedades modernas que imperam desenvolvidas condições de produção, encontram-se em uma ampla acumulação de espetáculos (DEBORD, 1997).

Ainda de acordo com Debord (1997) a divisão entre qualidade e quantidade não perdura mais, uma vez que agora o que mais aparece é o que mais importa, não havendo uma análise qualitativa sobre o conteúdo exposto, o que aponta para o triunfo da simpatia/gracia do espetáculo, ou seja, se foi apreciado pelo público e fez sucesso é porque é bom. Sobre o espetáculo, também é interessante se referir a Melman (2003) ao inferir que a histeria acompanha o momento contemporâneo, se manifestando nas estimulações ao exibicionismo, o que propicia ao indivíduo autocentramento e espaço para se fazer notado e reconhecido.

Visto que há uma excessiva exposição das pessoas nas redes sociais (RS), Türke (2010) alega que a sociedade se encontra em uma era de compulsão por emitir, onde pondera que se não existir uma presentificação constante nas redes eletrônicas, é como viver um instante sem sentido ou sem motivo de estar aqui, Baumam (2009) também respalda essa informação ao considerar a invisibilidade como o grande medo da sociedade contemporânea. Guy Debord também salienta que “[...] o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade” (1997, p. 14). Baseado nas descrições anteriores, facilita a compreensão da necessidade do indivíduo contemporâneo em estar maior parte do tempo ligado às RS, e mais, emitindo constantemente publicações próprias ou compartilhadas. Quanto a isso Cruz (2016, p. 4) cita que “a exposição das fotos e a representação do indivíduo na internet refletem sobre a importância de compartilhar momentos felizes na web onde o sujeito cria sua identidade”.

Relacionando este capítulo à maternidade, pensa-se logo na forma como esse momento singular está sendo constituído e experimentado na contemporaneidade, uma vez que o meio tecnológico e a cultura material estão fortemente em alta e atrelados a vida do indivíduo, assim, Dramali e Karam (2017) evidenciam que pensar a gestação na atualidade é também cogitar na sua dimensão enquanto matéria. Uma pesquisa realizada por essas autoras, aponta a cultura material da gravidez como algo fundamental tanto para a estruturação da identidade do bebê, quanto para reorganização da mulher, que nessa fase passa a assumir novos papéis.

Em relação a cultura material, alguns autores como por exemplo, Miller (2007), apontam que o materialismo está vinculado ao consumo de massa, sendo encarado em maior

parte como um mal. Assim, pode-se dizer que há duas percepções sobre a cultura material em relação à gravidez e todo o percurso da maternidade, onde de um lado é essencial para construção do bebê e da mãe, e por outro um conflito, principalmente no período gestacional, pois é um momento em que as mães tendem a recorrer a atributos que simbolizam essa etapa, como roupas de grávida, os variados tipos de “chás”, a preparação para o quarto do bebê, os ensaios fotográficos que registram esse acontecimento, entre outras peculiaridades que marcam a fase da gestação.

Miller (2007, p. 38) ainda pontua que

a crítica do materialismo é extraordinariamente básica. Existe uma noção duradoura nessa literatura de que indivíduos puros ou relações sociais puras são contaminadas pela cultura de mercadorias. Na verdade, o ponto central do termo coloquial “materialismo” é que ele representa um apego ou devoção a objetos que tomam o lugar de um apego e uma devoção a pessoas.

Em se tratando do apego e/ou devoção citados por Miller, cabe refletir se a cultura material da gravidez e até mesmo a pressão social imposta nesse período não estariam interferindo nas escolhas e vontades da gestante/mãe, bem como na vida do bebê, o que também coincide com uma outra reflexão: ser ou ter. Tais perspectivas estão atreladas a conjuntura contemporânea, onde o “ter” vem ganhando espaço e assumindo centralidade na vida do indivíduo, que passa a ser identificado não por suas características singulares, mas por adereços que lhe conferem a veracidade de existir.

Frente a tal colocação Debord (1997, p. 18) argumenta que “a primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do *ser* para o *ter*”.

Verifica-se que atualmente nas RS, em torno do período gestacional e após ele, ocorre o que Dramali e Karam (2017) mencionam sobre o papel social da gestante que segue marcado pela cultura material, facilitando a identificação da maternidade através da assimilação de objetos e status sociais.

São inúmeras publicações acompanhando todo esse processo, desde a descoberta da gravidez (teste rápido de gravidez), ultrassonografias, chá revelação para descoberta do sexo do bebê e chá de fraldas (em geral tende a ocorrer mais de uma vez, nos diversos contextos em que a mãe se insere: familiar, trabalho, amigos, igreja, e etc.), e após o nascimento, inicia-se uma outra “saga”, o mêsversário (que tende a ser mais intenso até o primeiro ano de vida da criança) onde é comemorado mensalmente com os mais variados temas e books fotográficos.

Esses momentos citados envolvem antes uma preparação ímpar, e em maior parte deles nota-se que os objetos tomam uma proporção simbólica e significativa gigantesca socialmente,

como por exemplo o bolo do chá de revelação, que tende a possuir em sua estrutura única, duas divisões a serem separadas por duas cores, as quais a sociedade julga representativa de menina e menino, assim, o bolo atrai principal atenção para si, tornando-se uma figura imprescindível daquele momento, o que desloca a mãe e o bebê para um papel secundário. Em relação a sociedade atual e o espetáculo, Debord (1997, p.17) expressa que

como indispensável adorno dos objetos produzidos agora, como demonstração geral da racionalidade do sistema, e como setor econômico avançado que molda diretamente uma multidão crescente de imagens-objetos, o espetáculo é a principal produção da sociedade atual.

Desta forma cabe introduzir aqui a observação de Dramali e Karam (2017) ao evidenciarem que a gestação, ainda que ocorra particularmente na vida e no corpo da mulher, é marcada pela excessiva influência social, elencada pela materialidade e rituais que denotam a espetacularização a qual a maternidade está implicada, revertendo a gravidez há um estado de objetificação. As autoras ainda citam o nascimento como prelúdio à espetacularização “o nascimento não poderia ser nada menos que a estreia de um espetáculo que contou com meses de ensaio, treino e preparação” (ibid. 2017, p. 12). Carneiro (2014, p. 248) também faz uma leitura acerca do nascimento, ao pontuar que “[...] nascer e parir também se tornaram uma questão de mercado e de consumo, característica das sociedades atuais”.

A partir dos discursos citados neste capítulo envolvendo a cultura material e o consumismo, fica evidente o quão embutido esses adereços/objetos estão na construção da identidade da mãe e do bebê, usufruindo e retendo mais significado do que a própria maternidade em si, e o quanto esses atributos juntamente com a espetacularização têm dado concretude a maternidade, tornando a imaterialidade da gestação em algo concreto/tangível e pertencente a este ciclo da vida contemporânea, o que vai de encontro ao pensamento do sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman (2009, p. 16) ao citar em seu livro que “a vida líquida é uma vida de consumo”, o que evidencia claramente o quanto o capitalismo têm sido beneficiado diretamente, apropriando-se desse momento.

Apesar dos autores anteriormente citados fazerem uma análise não tão positiva acerca do consumo, Saraiva (2000) apresenta em sua visão um modo diferente, onde situa o consumo como uma nova configuração do indivíduo contemporâneo para desempenhar sua cidadania, recuperando a extensão subjetiva do indivíduo e viabilizando a prática da identidade-alteridade. Segundo o autor, ao consumir, o sujeito é capaz de pensar, escolher, ponderar, reorganizar o seu universo, bem como refletir nesse contexto que o circunda.

Positivar o consumo, é importante repetir, não é ficar cego às injunções de caráter ideológico responsáveis pela perpetuação do sistema econômico; muito além disso,

trata-se de superar uma visão negativista e um resquício de idealismo presentes na ideia do capitalismo como distorcedor de uma realidade concebida por si só como rica e plural. A sociedade de consumo é mais do que pura distorção, talvez seja fator de subjetivação (SARAIVA, 2000, p. 63).

A partir dos apontamentos feitos até aqui, observa-se que é inviável a dissociação entre espetacularização, consumo e capitalismo. Contudo, alguns autores também trouxeram a reflexão sobre o lado positivo da cultura material, ao apontar que essa cultura pode auxiliar o indivíduo no exercício de sua cidadania, na identificação e construção do bebê e do papel que a mãe passa a assumir.

2.3 Redes sociais e subjetividade: narrativas íntimas da vida privada na esfera pública

Remeter-se a tecnologia é, em grande parte, referir-se à velocidade acelerada das mudanças e aos impactos da mesma, especialmente na esfera das relações interpessoais. As RS têm alcançado um número cada vez maior de usuários, assim, Vermelho, Velho e Bertocello (2015) ponderam que falar sobre redes sociais é um tema emergente e atual, e que retrata também um espaço de cultura material (CRUZ, 2016).

De acordo com Lemos (2013) o surgimento da Internet ocorreu no ano de 1969, contudo, a cibercultura, podendo ser definida como a junção entre a vida social, recursos eletrônicos e suas redes telemáticas emergiu na década de 1990, e hoje já se tornou parte da rotina das pessoas, podendo assim dizer que mesmo em níveis diferenciados de influência e acesso ao uso desses equipamentos, ainda assim é uma realidade na maioria dos países. Em relação ao alcance e influência da internet e seus aparatos conforme citado pelo autor anterior, Farias (2018, p. 160) reforça a ideia de que

as novas tecnologias têm integrado a vida das pessoas de todas as classes econômicas e sociais. Elas preenchem determinadas funções nas organizações que administram os espaços públicos e privados, de modo que dificilmente alguém deixará de notar sua manifestação dentro e fora dos transportes coletivos e individuais ao percorrer as ruas das cidades e as estradas intermunicipais. Sua presença não passa despercebida durante o tempo de trabalho ou fora dele, no interior das residências, nos clubes esportivos e associações recreativas, nas praças e parques urbanos, nas igrejas e, principalmente, nas escolas e universidades.

Canavilhas (2004) compreende a internet como um meio de ampliação da memória, que possibilitou de forma acelerada, hábil e flexível a capacidade dos indivíduos em se comunicar.

Em se tratando das RS, Recuero (2005) conceitua esse termo como um conjunto formado por dois elementos, sendo o primeiro os atores, que são as pessoas, instituições e/ou grupos, e o segundo elemento refere-se às conexões que são realizadas nesse meio. Assim,

pondera-se que as RS são compostas pelas relações/conexões sociais estabelecidas e mediadas por curtidas, comentários, visualizações, imagens, vídeos, entre outras opções que o meio virtual assegura.

Um das primeiras RS que se tornou fenômeno mundial segundo Recuero (2009) foi o Flog, criado por Scott Heiferman e Adam Seifer no ano de 2002. Tal entretenimento possibilitava o compartilhamento de fotos pessoais, onde o usuário poderia postar uma foto com legenda e compartilhá-la com uma rede de amigos flogueiros. A priori, em objetivo, o flog pode ser assemelhado ao Instagram (CRUZ, 2016).

Tendo em vista que as RS utilizadas neste trabalho serão o Facebook (FB) e Instagram (IG), cabe explicar a seguir um pouco de sua história e função. O FB teve início em 2004, sendo criado pelo programador e empresário norte-americano Mark Zuckerberg, com intuito de conceder às pessoas a capacidade de fundar uma comunidade, aproximando as pessoas, e as deixando antenadas do que está acontecendo no mundo, podendo essas também compartilhar e exteriorizar o que é importante para si. De acordo com as estatísticas do FB (2018) havia em média estimada para dezembro de 2018 de 1,52 bilhões de usuários ativos diariamente. No dia quatro de fevereiro deste ano (2019) o site de notícias G1 publicou sobre os 15 anos que o FB completará naquele dia, com ranking de 2,3 bilhões de usuários.

Essa RS permite que o usuário crie um perfil, ficando a disposição deste colocar ou não informações pessoais (idade, estado civil, cidade natal, religião, local de trabalho, parentesco, dentre tantas outras informações) podendo também optar por um perfil privado (controlando/limitando quem pode ver suas publicações) ou público (todos têm acesso às informações), ainda é possível divulgar interesses, participar de variados grupos, além de poder interagir com várias pessoas ao mesmo tempo, por meio mensagens, ligações, curtidas, comentários e outros.

A segunda RS a ser utilizada será o IG, criado pelos engenheiros Kevin Systrom e Mike Krieger, sendo disponibilizado em 2010 (ESTADÃO, 2014). Esse aplicativo permite que os usuários façam postagens, editem fotos, troquem mensagens, façam stories, transmissão ao vivo, dentre outros recursos.

No ano de 2012 foi publicado no site oficial do IG (2010) que o aplicativo foi adquirido pelo FB, com o intuito de expandir ainda mais essa rede. Ambas as RS mencionadas podem ser vinculadas uma à outra e isso possibilita o compartilhamento de fotos, vídeos e afins nas duas redes ao mesmo tempo, o que minimiza o tempo gasto para fazer a publicação e maximiza a repercussão da mesma.

Situando a subjetividade do sujeito dentro do universo tecnológico, principalmente no âmbito das comunicações virtuais, Bruno (2004) aponta que foi através das tecnologias comunicacionais contemporâneas que a relação entre subjetividade e visibilidade ganharam novos delineamentos e que essas tecnologias fizeram parte da modificação na maneira como os indivíduos têm constituído a si mesmos e no modo como esses articulam sua identidade a partir da relação com o outro. Paiva (2012) ainda situa as RS como uma extensão do ego e da sociabilidade contemporânea, podendo também refletir a carência na troca de afetividade com indivíduos, posto que o período atual apresenta certo déficit na comunicação face a face.

Maheirie (2002) corrobora com a ideia do sujeito objetivo e subjetivo, onde objetivo está ligado ao corpo e subjetivo à consciência, ainda assim, o indivíduo não pode se reduzir às duas dimensões supracitadas, uma vez que a autora ainda acrescenta que “O Eu, ou a identidade, ou a especificidade do sujeito, aparece como produto das relações do corpo e da consciência com o mundo, consequência da relação dialética entre objetividade e subjetividade no contexto social” (ibid. 2002, p.35). A partir dessa visão, Maheirie infere que o processo de construção do indivíduo é efetivado no meio coletivo e que nesse contexto onde diferentes singularidades se entrelaçam e se misturam, o indivíduo perfaz tanto a sua história como a dos outros, e concomitantemente é produto e produtor.

Em contrapartida as acepções de subjetividade citadas anteriormente e ainda levando em consideração as explosões de informações emitidas, recebidas e compartilhadas, principalmente através dos aparatos tecnológicos, Birman (2012, p. 7) suscita uma percepção diferente ao apontar que

[...] as mais diversas escalas e dimensões da experiência são permanentemente perpassadas pela surpresa e pelo improvável. Nos registros da economia, da política, das ciências, das artes e da cotidianidade, o sujeito se choca com o imprevisível, que o desorienta. Assim, podemos dizer que, tanto no registro coletivo como no individual, nas escalas local e global, a subjetividade foi virada de ponta-cabeça.

Com o advento das tecnologias e o surgimento das RS, as autoras Cananéa, Rocha e Targino (2018) afirmam que a mulher-mãe se apropria do mundo virtual robustamente e implementa um novo espaço que potencializa não só as suas reivindicações, mas também inclui outras questões que anteriormente se restringia apenas a esfera privada, mas que agora, são explanadas no âmbito público.

Os avanços nas RS propiciaram uma disseminação de conteúdos privados no universo público, o que antes era relatado em diários, ou exposto para pessoas mais próximas/íntimas, agora é “revelado” por meio das RS sem nenhum receio. Os indivíduos se sentem cada vez

mais à vontade e menos receosos para manifestar e publicar nas redes suas ideias, pensamentos, valores, sentimentos, indignações, fotos e vídeos. De acordo com Sibilía (2008, p. 27)

milhões de usuários de todo o planeta - gente “comum”, precisamente como eu ou você - têm se apropriado das diversas ferramentas disponíveis on-line, que não cessam de surgir e se expandir, e as utilizam para expor publicamente a sua intimidade. Gerou-se assim, um verdadeiro festival de “vidas privadas”, que se oferecem despudoradamente aos olhares do mundo inteiro.

Em paralelo a isso, de acordo com Bauman (2008) as pessoas que utilizam os meios virtuais situam-se em uma sociedade notória, banindo a demarcação que anteriormente separava o privado do público, transformando o ato de exibir publicamente o confidencial num mérito e imposição pública, assim culmina no afastamento de coisas e/ou pessoas que resistam a confidências externas.

Kehl e Bucci (2004) de acordo com Goldberg (2014) faz uma analogia interessante sobre o Reality Show que é um programa televisivo e a rede social Facebook onde ocorre uma expansão de vivências privadas no contexto público, aqui também pode-se empregar o Instagram, visto que ambos os meios sociais (Facebook e Instagram) também possibilitam a divulgação de conteúdos “íntimos” que são decorrentes da edição da própria vida.

Atualmente, o ambiente do parto ganhou um novo profissional além dos envolvidos na área da saúde: o fotógrafo (a), o qual têm acompanhado cada vez mais esse momento na vida de uma mulher. Assim, Carneiro (2014, p. 242) pontua que

[...] poderíamos pensar que já não basta mais o médico e as enfermeiras, um cinegrafista também pode compor as cenas de parto. De um vídeo, tornaram-se muitos. Foi tamanha a repercussão da profusão de imagens, a princípio íntimas, que o que parecia da ordem do privado ganhou desenho de público.

Carneiro (2014) ainda constatou em sua pesquisa “Circulando imagens, circulam antropologias: mulheres, políticas do corpo e espetacularização da vida” que os registros fotográficos são almejados pela parturiente e pessoas mais próximas e refletem a imprescindibilidade de exposição externa e de uma determinada espetacularização da vida, desta forma mantém-se em evidência que as crianças das novas gerações já nascem em meio a tecnologia digital o que também pode representar uma certa compulsão pelas redes digitais (FARIAS, 2018).

Ainda em consonância com a exposição nas RS, de acordo com os dados da AVG Technologies (2010) conforme citado por De Carvalho Rettore et al (2017, p. 34)

[..] 81% das crianças com menos de dois anos que participaram da pesquisa têm suas imagens disponíveis on line. Além disso, embora a média de início da postagem digital se dê aos seis meses de idade, 33% das crianças já possuem imagens veiculadas por seus pais após algumas semanas de seu nascimento. No caso de outros 23% isso antecede o nascimento, com a publicação de exames de ultrassom.

Ante as informações apresentadas, pondera-se o quão têm sido frequentes as exposições nas RS e a influência que isso exerce na estrutura da subjetividade do sujeito e que, progressivamente parecem necessitar dessa interação recíproca e dependente do universo virtual que o cerca.

2.4 Narcisismo e contemporaneidade

Pensando em um contexto geral, o narcisismo é definido como uma admiração pela própria imagem, podendo estar presente em todos os seres humanos como uma característica normal – dentro de certos parâmetros – onde o indivíduo alimenta uma paixão por si. No entanto, quando esse investimento por si passa a ser exorbitante, o sujeito pode desenvolver um transtorno de personalidade narcísica, se o mesmo possuir um senso inflado de auto-importância, o que passa a prejudicar nas suas relações, além de impossibilitar a sua capacidade de lidar com críticas e também de relacionar-se de modo profundo e saudável.

Situando a contemporaneidade, Birman (2012) descreve que a mesma se apresenta como algo de origem permanente e inesperada para o sujeito, que devido as constantes mudanças não consegue se regular nem se antecipar as eventualidades que surgem como um alvoroço e se alastram em sua volta. Saraiva (2000) relaciona a pós-modernidade ao individualismo, fazendo assim um recorte que leva ao narcisismo (na sua dimensão patológica).

No capítulo anterior, foi contemplado que a subjetividade ganhou novos delineamentos através das tecnologias comunicacionais, o que alterou a forma do indivíduo em se constituir e se perceber, e quanto a isso Birman (2001) pondera que todos os atuais modos de construção da subjetividade, coloca o eu em uma posição privilegiada, culminando no autocentramento do sujeito que é marcado pelo exibicionismo e individualismo o que o autor também denomina como cultura do narcisismo e sociedade do espetáculo, que vai ao encontro das convicções de Debord (1997).

Sigmund Freud, precursor da psicanálise, é um dos autores mais conhecidos nas obras sobre narcisismo. Araújo (2010) destaca que Freud (1914/1974) abriu caminho para a compreensão do narcisismo como parte da constituição do amor-próprio e da autoestima, sendo designado para autopreservação do indivíduo e constituição dos laços sociais. A teoria psicanalítica interpreta dois tipos de narcisismo, o primário que é caracterizado pelo amor próprio como prioritário e antecedente do amor ao outro, e o narcisismo secundário que resulta do retorno para o ego da libido retirada dos objetos, ou seja, da identificação do sujeito com

esse objeto (DESSUANT, 1992). Em tese, Araújo (2010, p. 81) expõe que “de modo geral, tanto os traços do narcisismo primário como os do narcisismo secundário irão constituir a personalidade e acompanhar o indivíduo durante toda a sua existência”.

Redirecionando esse conteúdo para a maternidade, foco da pesquisa, Freud (1915) conforme citado por De Aragão (2007) já dizia que para ter um filho era fundamental amar o que somos e o que pretendíamos ser, assim como amar também aqueles que cuidaram de nós, para então ser capaz de investir narcisicamente em uma criança.

Aulagnier (1990) apud Piccinini et al (2008) aponta que o narcisismo na mulher no período da gestação se torna ainda mais estimulado em decorrência de carregar em seu ventre um bebê, o que na pesquisa de (ibid., 2008) mostrou que para algumas mulheres, estar grávida evidencia uma posição elevada e privilegiada, o que permite uma auto-realização ante o crescimento da barriga, e que aparenta legitimar e representar simbolicamente a condição de maternidade.

De Aragão (2007) refere-se supostamente ao tempo de gestação como o período necessário para a elaboração e construção da representação do bebê para mãe. A partir dessa suposição, o autor considera que ainda no início, quando descoberta a gravidez, o bebê seria um enigma e que, ao longo dos meses vai passando de forma gradual por várias projeções e idealizações infantis da mãe. A partir dessas idealizações a mãe começa a atribuir significado e características específicas a um ser que, antes estrangeiro, agora passa a ser familiarizado.

Badinter (1985) postula que o bebê se transforma em objeto privilegiado da atenção materna, e que por esse motivo a mulher consente em sacrificar-se pelo filho para que o mesmo viva bem e, pela preocupação com o futuro do filho, limita-se espontaneamente a sua fecundidade. Concomitante a esse pensamento Dessuant (1992, p. 26) afirma que “a crença narcísica na magia dos desejos se exprime no desejo que os pais formulam para que seus filhos gozem de uma vida melhor que a deles próprios, que tenham êxito juntamente naquilo em que os próprios pais fracassaram”. Nesse sentido, os pais acabam depositando na criança todos os seus objetivos, sonhos e fantasias, e se porventura esses desejos não forem supridos de acordo com o que haviam intencionado, ocorre a frustração de tudo que foi investido no objeto amado, no caso, o filho. Badinter evidencia em seu livro que

como o amor materno só se desenvolve a expensas do amor - de si, ele empobrece forçosamente o ego da mãe. Ora, em certas mães, o ego luta para se expressar e se satisfazer, e essa tendência "egoísta" entra em conflito com aquela que visa à conservação do cordão umbilical com a criança. Mais suas tendências viris permanecem vivas, mais resolutamente o seu ego poderá rejeitar as tarefas da maternidade (ibid., 1985, p. 313).

Quando a mulher descobre a gravidez e passa a alimentar de forma positiva esse estado, sua libido narcísica diminui em prol do aumento de investimento da libido no objeto esperado (o filho). De Aragão (2007) nomeia esse processo como “narcisismo englobante” representando a experiência de plenitude da mulher em estar completa com o seu bebê no ventre, de forma que o bebê se encontra embutido no próprio narcisismo materno.

Colocado em pauta neste trabalho sobre a espetacularização materna nas RS, a partir da visão de De Santi (2008) identifica-se que a exposição nas RS pode repercutir no anseio narcísico (materno) em existir e ser aprovado/reconhecido como um personagem contemplado. Amaral (2016) também condiz com essa visão ao discorrer que a internet também pode ser incentivadora na busca por gratificações narcísicas.

A partir das teorias retratadas aqui, entende-se que o narcisismo é uma característica comum que faz parte da construção da personalidade dos indivíduos, no entanto, quando esse traço excede os limites do que seria saudável, o sujeito pode entrar em adoecimento psicopatológico. O narcisismo tem acompanhado as mudanças contemporâneas e ganhado novas proporções, as RS é um desses meios que propiciou um novo delineamento para o narcisismo. Em relação a maternidade, infere-se que a depender da história de vida da mãe e de como ela recebeu esse investimento dos cuidadores, refletirá na forma como ela lidará com o bebê tanto no período de gestação, como após ele.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Esse estudo pautou-se em uma pesquisa exploratória, descritiva e explicativa, uma vez que objetivou aprofundar o conhecimento, propiciando assim maior familiaridade com o tema abordado, bem como identificando e descrevendo fatores que levaram a possível resposta do problema desta pesquisa (GIL, 2002).

Tratou-se de uma pesquisa aplicada, cujo objetivo foi a investigação e compreensão do tema proposto. A pesquisa aplicada tem a finalidade de produzir saberes para elucidação de problemas pertinentes a interesses específicos/locais (PRODANOV; FREITAS, 2013). O método dialético, assim como a abordagem qualitativa também foram utilizados para embasar o trabalho, o que segundo Prodanov e Freitas (2013) dá-se através de uma relação dinâmica entre o indivíduo e o mundo real, sendo essa ligação intrínsecas entre o universo objetivo e a subjetividade do sujeito que não se pode exprimir em números.

Utilizou-se também a pesquisa bibliográfica para compor e enriquecer o trabalho, o que de acordo com Fonseca (2002) conforme citado por Gerhardt e Silveira (2009) consiste em levantar materiais já publicados sobre a temática, utilizando-se de referências teóricas como livros, artigos, dentre outros materiais, para assim possibilitar ao pesquisador conhecer e dominar o que já se descobriu sobre tal temática. Além das demais técnicas utilizadas para coleta de dados, a pesquisa documental de primeira mão também foi empregue, visto que esse tipo de pesquisa se utiliza tanto de documentos (fotos, vídeos, gravuras, contratos, diários e etc.,) antigos quanto contemporâneos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

No que tange a população e amostra, foram analisados o perfil de duas mães primíparas, com idade de 25 e 26 anos, sendo uma considerada figura comercial (comumente conhecida como digital influencer) e a outra usuária convencional (perfil padrão/pessoal), ambas já ganharam bebê, os quais no término da pesquisa tinham idade de 10 e 12 meses, respectivamente. As pesquisadas foram identificadas por Perfil 1 (digital influencer) e Perfil 2 (conta padrão) afim de proteger as usuárias, uma vez que mesmo sendo compreendido como páginas pessoais, com postagens ainda que públicas, poderiam gerar algum tipo de desconforto.

Os perfis foram selecionados a partir da rede de amigos do pesquisador no FB e IG, onde procurou-se mães primíparas, com idades aproximadas e que tivessem ganhado bebê no ano de 2018. Desta forma as mães foram selecionadas, evitando preferências, conveniência ou quaisquer outros fatores pessoais que pudessem afetar o andamento e resultado da pesquisa. Ambos os perfis possuem conta em duas RS (FB e IG), no entanto, a frequência de postagens prevaleceram em redes diferentes, onde o Perfil 1 predominou no IG, e o Perfil 2 no FB.

Quanto ao local e período de realização da pesquisa/procedimento, pontua-se que a coleta de dados foi realizada entre o mês de junho e setembro de 2019, tendo como cenário principal as RS (FB e IG) e as publicações maternas desde o período em que descobriram a gravidez, para isso foi necessário analisar os dados desde as publicações do ano de 2018, dado que a partir de então iniciaram as exposições sobre a fase materna.

Para filtrar os dados (publicações, datas, legenda, curtidas e comentários) foram criados dois quadros, um para cada perfil, os quais continham os prints dos posts (relacionados a gestação/maternidade) desde a descoberta da gravidez até o último dia da coleta e a quantidade de curtidas e comentários em cada postagem. Ressalta-se que a análise foi realizada com base nos posts, não adentrando na quantidade de fotos que continham dentro dos mesmos, uma vez que um post/publicação pode conter em sua estrutura mais de uma fotografia.

A partir dos dados coletados, foi realizada a Análise de Discurso, que para Orlandi (2001) permite melhor compreensão acerca da relação simbólica entre fenômeno e/ou objeto e sujeito e qual o significado conferido a estes. Segue abaixo modelo do quadro utilizado para facilitar a coleta de dados.

Quadro 1 – Instrumento de coleta de dados

Data do post	Idade gestacional e/ou idade do bebê	Foto	Legenda	Curtidas	Comentários
--------------	--------------------------------------	------	---------	----------	-------------

Fonte: elaboração próprio autor (2019)

Os critérios de inclusão consistiram em mulheres com idades de 25 e 26 anos, mães primíparas, que ganharam bebê no ano de 2018, e possuíssem conta ativa nas Redes Sociais (FB e/ou IG), com perfil padrão e comercial, e que realizassem postagens referentes ao seu período materno. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados perfis que não se adequaram a faixa etária determinada, e que não se encontraram em fase primípara da maternidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente cabe salientar que a pesquisa aconteceu no âmbito das redes sociais (Facebook e Instagram). A coleta de dados se deu a partir da primeira publicação das duas mães pesquisadas ao descobrir a gravidez e encerrou com a última publicação do mesversário, sendo o Perfil 1 a partir do dia sete de abril de 2018 a quatorze de setembro de 2019, compreendendo o décimo mesversário da criança. Já o Perfil 2 a começar de dois de setembro de 2018 a vinte e sete de agosto de 2019, incluindo a publicação do mesversário de 12 meses, ou seja, primeiro ano de idade da criança. Após a coleta desses dados, iniciou-se o processo de análise dos resultados obtidos, os quais serão demonstrados e discutidos no decorrer deste capítulo. Cabe ressaltar que todos os gráficos apresentados neste capítulo se referem as publicações a partir do nascimento do bebê. Seguem abaixo dois quadros que representam os perfis pesquisados.

Quadro 2 – Identificação do Perfil 1

Rede social: Instagram
Identificação: perfil 1 (conta comercial)
Idade: 25 anos
Estado civil: casada
Escolaridade: superior completo
Idade do bebê: 10 meses
Foto mais curtida: 6.186 (9º mesversário) Data da publicação: 17/08/19 Coleta do dado: 12/09/19
Foto mais comentada: 519 (descoberta da gravidez). Data da publicação: 07/04/18 Coleta do dado: 08/08/19

Quadro 3 – Identificação do Perfil 2

Rede social: Facebook
Identificação: perfil 2 (conta padrão)
Idade: 26 anos
Estado civil: casada
Escolaridade: superior completo
Idade do bebê: 12 meses
Foto mais curtida: 163 (mãe gestante) Data da publicação: 29/03/18 Coleta do dado: 15/08/19
Foto mais comentada: 50 (book gestante) Data da publicação: 08/06/18 Coleta do dado: 15/08/19

Fonte: Elaboração próprio autor (2019)

Com base nos quadros acima, observa-se que ambos os perfis possuem alguns aspectos em comum, ou aproximados como: estado civil, escolaridade, primeira gestação, bem como a idade das mães e a idade dos bebês (ambos do sexo masculino) que possuem pequena diferença.

Durante a análise dos resultados, percebeu-se que as pesquisadas fizeram publicação sobre o momento de descoberta gravidez, demonstrando através de suas narrativas sentimentos de surpresa, felicidade, bem como expectativa em relação ao ser que estava sendo gerado e a sua chegada (que surpresa... a família vai crescer, felicidade, está chegando um bebê...).

No decorrer dos meses verificou-se que a publicação de fotos referentes ao processo de gestação, bem como as expectativas aumentaram progressivamente e quanto a isso é pertinente

recapitular a ideia de Piccinini et al (2008) ao afirmar que em se tratando de mães primíparas o percurso da gravidez, assim como as modificações que ela ocasiona, sejam físicas, psicológicas e sociais são intensificadas, principalmente por se tratar de uma situação nova, onde vários desafios são colocados em pauta, sobretudo para as mães contemporâneas que como colocado por Wagner et al (2005) têm passado por um processo de grandes mudanças nos papéis sociais.

O momento de descoberta da gravidez, reporta-se ao que Aulagnier (1990;1994) apud Piccinini et al (2004;2008) expõe sobre esse momento, ao situar que desde o instante em que é revelada a gravidez se instaura uma relação fantasiosa da mãe para com o bebê, a qual é caracterizada por um “corpo imaginado”.

Em relação a essa fantasia, observou-se na pesquisa que entre o terceiro e quarto mês de gestação, as mães publicaram o sexo e o nome do bebê e a partir de então constatou-se que iniciou junto a esse período uma veemência ainda maior em relação a idealização do bebê desejado, evento esse que de acordo com a perspectiva teórica está ligado ao narcisismo materno, que aumenta e é incitado em virtude da mulher carregar em seu ventre um bebê, o que coincide tanto com a presente pesquisa, quanto com os resultados da pesquisa realizada por (ibid., 2008) apontando que para as mães pesquisadas estar grávida indica uma posição elevada e privilegiada, o que possibilita um sentimento e sensação de auto realização.

No tocante ao dar nome ao bebê conforme citado acima, revelou-se como atribuição de características que singularizam e favorecem um diálogo ainda mais afetuoso da mãe para com o bebê, o que pareceu aumentar ainda mais as expectativas quanto ao descendente esperado.

Também foi observado que a medida em que os meses passavam, maiores se tornavam as projeções maternas sobre o bebê (narrativas que agregam características e afeto), o que expressa a necessidade da mãe em estruturar ainda na gestação uma representação mental sobre o filho, tal resultado vai de encontro com a visão De Aragão (2007, p. 39) ao reforçar a ideia de que “o tempo cronológico da gravidez seria necessário para permitir a elaboração do bebê como tal, num deslizamento dessa percepção do feto como parte do corpo até se constituir como um “outro” bebê objeto das projeções da maternas”.

O auge dessa projeção e desejo materno mostrou-se em evidencia principalmente no primeiro mês após o nascimento da criança, onde situou na pesquisa, um aumento expressivo na publicação de fotos do bebê. Os gráficos a seguir indicam perceptivelmente esse resultado (RN¹ e *²).

¹ Recém-nascido.

² Idade do bebê em meses.

Gráfico 1 – Perfil 1. Fotos que envolvem o bebê

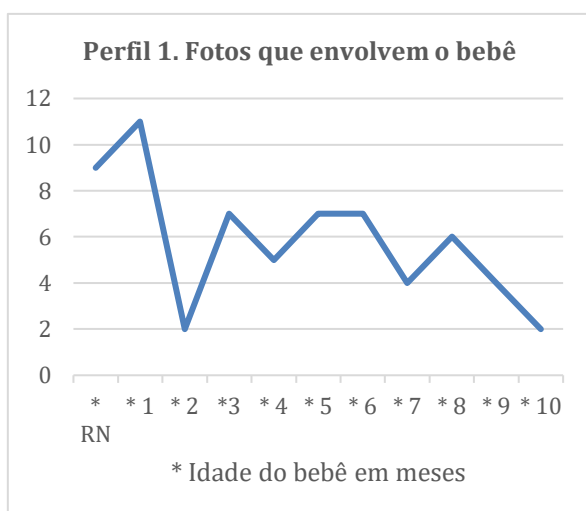
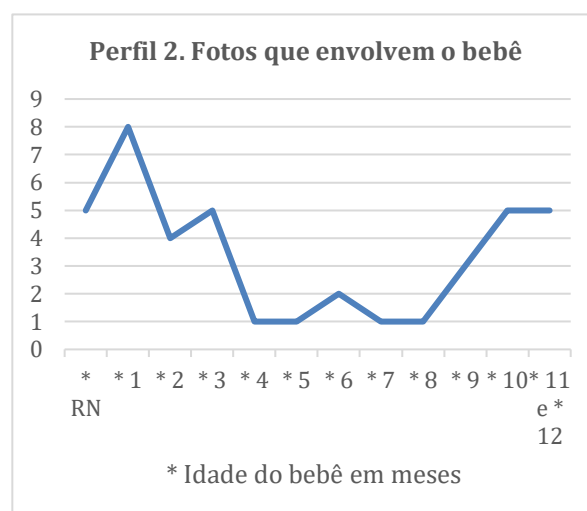


Gráfico 2 – Perfil 2. Fotos que envolvem o bebê



Fonte: Elaboração próprio autor (2019)

É interessante observar que os dois perfis pesquisados apresentaram esse índice, o que novamente sugere ser uma experiência nova para a mãe, revelando nesse período um grande investimento na criança e no que esta representa.

Um outro aspecto interessante foi a conversação entre mãe-bebê (“nosso filho, você foi tão esperado e sonhado por nós”, “eu e papai te amamos incalculavelmente” “meu rapazinho ficou se exibindo sem nenhuma timidez na USG”, “saudade papai, vem logo” “ah meu filho, se você soubesse o tamanho do meu amor por você”, “filho, por aqui estamos aguardando a sua chegada a este mundo: o papai, a mamãe e os amigos”) demonstrada nas RS, o que atribui ainda mais significado e concretude dessa idealização e aparenta dar uma certa tangibilidade a imaginação da mãe.

É pertinente pontuar que durante o período de estudo foi possível identificar e acompanhar todo o percurso materno através das RS, desde a descoberta da gravidez até o mesversário de dez e doze meses dos participantes. Nesse tempo os perfis fizeram registros e publicações do teste de gravidez, ultrassom, chá de bebê/fraldas, book de gestante, momento do parto, ensaio newborn³, apresentação do bebê na religião de filiação dos pais, mesversários, fotos dos bebês relacionados a datas comemorativas como natal, dia das crianças, páscoa, primeiro dia das mães e dos pais, primeiro banho de piscina, memes sobre expectativa x realidade, primeira ida ao pediatra, primeira viagem, dentre outros registros de situações que aconteceram pela primeira vez na vida do bebê.

³ Registros/fotos dos primeiros dias de vida do bebê.

Cabe ressaltar que os registros citados acima foram pontuados a partir de uma junção das publicações das duas pesquisadas, e que maior parte dos registros se encontram no Perfil 1, bem como a quantidade de publicações, o que também pode ser um indicador da “cobrança” que esse perfil comercial recebe do público para estar maior tempo “presente” na rede.

A exposição de todo o processo gestacional, sobretudo das crianças após nascerem relembra e é comprovada com o dado da AVG Technologies (2010) conforme apresentado no estudo de De Carvalho Rettore et al (2017) dando ênfase a este trabalho, evidenciando que 81% das crianças pesquisadas com idades inferiores a dois anos possuem imagens na internet, e que estes posts (com as imagens das crianças) geralmente são publicados por volta dos seis meses de idade, no entanto, a pesquisa também apontou que 23% das publicações antecede o nascimento do bebê, ou seja, com imagens do teste de gravidez e ultrassom. Vale ressaltar que o dado apresentado foi no ano de 2010 e que já se passaram nove anos, pressupõe que se realizada uma nova pesquisa no ano de 2019, esse dado provavelmente se encontraria em maior proporção.

Com base nos dados citados anteriormente, evidencia-se uma facilidade e necessidade em publicizar por meio dos aparatos tecnológicos acontecimentos que antes eram pertencentes e oportunos somente ao âmbito privado e que hoje são abertos ao maior número de internautas possíveis e mais, os indivíduos que assistem esses espetáculos, curtem, compartilham e/ou comentam, se tornam co-participante dessa espetacularização, posto que Debord (1997) já dizia que o espetáculo não é só o acúmulo de imagens, e sim um conjunto das relações sociais entre pessoas mediada por imagens e pela troca que ocorre nesse meio.

Ante tantas publicações nas RS e um número cada vez maior de sujeitos atuantes nesse espaço, vários estudiosos da área apresentam interpretações para esse fenômeno, convém recapitular essas perspectivas, a começar por Debord (1997) que descreveu o espetáculo como um padrão atual e predominante na sociedade, onde não há mais divisão entre qualidade e quantidade, já que o que mais aparece e circula é o que mais fez sucesso e foi validado pelo público que acompanha, contempla e é colaborador desse espetáculo. Já Törke (2010) ponderou que se o indivíduo não for constantemente ativo nas redes eletrônicas é como se a sua vida não fizesse sentido, nessa perspectiva pode-se inferir também que parece haver uma necessidade significativa do indivíduo em interagir emitindo e recebendo informações desse meio.

Bauman (2008) já dizia que os avanços nas redes sociais propiciam e incentivam o excesso na publicação de conteúdos públicos e privados, e isso têm apontado que o indivíduo que não partilha desses aparatos se encontra “distanciado” das pessoas que o utilizam, podendo

até mesmo sentir de forma invasiva a exclusão por resistir a essas revelações externas. Cruz (2016) referiu-se à exposição de fotos e performance do indivíduo na internet como parte auxiliadora para a criação e extensão da identidade do sujeito.

Bruno (2004) subsidia essa pesquisa ao ressaltar que as tecnologias comunicacionais mediaram e proporcionaram a relação entre subjetividade e visibilidade e, a partir de então obtiveram novas proporções, assim como contribuíram em parte, na forma como o sujeito se percebe e se constitui nesse processo, o que decorre a partir da relação com o outro que também participa dessa rede. Essa relação também foi evidenciada nos resultados que demonstram comentários e curtidas em todas as fotos desde a descoberta da gravidez até o último dia da coleta de dados. Quanto a isso, cabe fomentar que no Perfil 1 os likes variaram entre 1.034 e 6.186, esse último se referindo ao nono aniversário (foto mais curtida), e os comentários de 3 a 519, sendo esse maior número referente a publicação de descoberta da gravidez. Já o Perfil 2 variou de 21 a 163 likes, onde a maior quantidade de refere a foto que a mãe postou gestante, e os comentários variando de 1 a 50, considerando a maior quantidade na publicação do ensaio fotográfico de gestante.

A divulgação de imagens, interações e trocas que ocorrem nas redes, pode estar associada a ascensão do narcisismo e Amaral (2016) respaldou essa suposição, ao afirmar que sim, a internet pode fomentar a busca pela recompensa narcísica. A visão de Melman (2003) também remete a associação dos aparatos tecnológicos ao estímulo da histeria, dado que a teatralidade pode oportunizar ao histórico o autocentramento, e este também pode ser representado pelo investimento no outro, visando a exaltação do eu através da utilização do outro num processo de gozo contínuo do sujeito (DUART; CHATELARD, 2013).

Tratando-se da maternidade, Badinter (1985) mencionou o bebê como um objeto privilegiado da atenção da mãe, tal compreensão pode ser elencada e explicada a partir dos resultados deste estudo dado que, se o bebê recebe maior atenção e contemplação da mãe e é considerado um objeto de depósito de sonhos, objetivos e fantasias, recebendo grande investimento principalmente materno, logo clarifica em parte, a necessidade da mãe em externalizar esses sentimentos nas RS, como forma de expandir essa demonstração de amor, afeto e investimento, sendo simultaneamente gratificada narcisicamente através dos likes, comentários, compartilhamentos, dentre outras trocas que geram satisfação, enaltecimento e representam admiração do público para com o que foi publicado.

Gráfico 3 - Perfil 1. Total de fotos de nov/2018 a set/2019

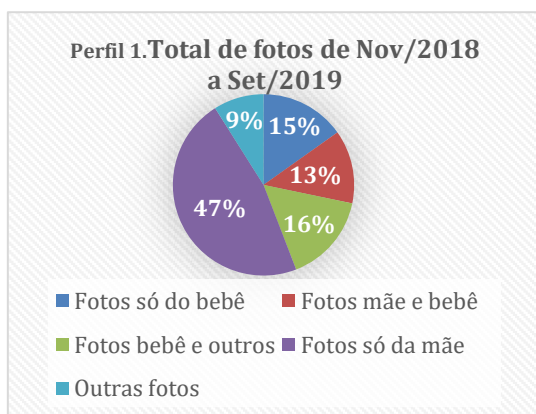
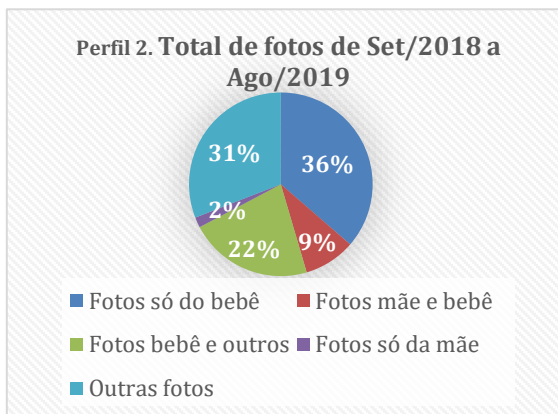


Gráfico 4 - Perfil 2. Total de fotos de set/2018 a ago/2019



Fonte: Elaboração próprio autor (2019)

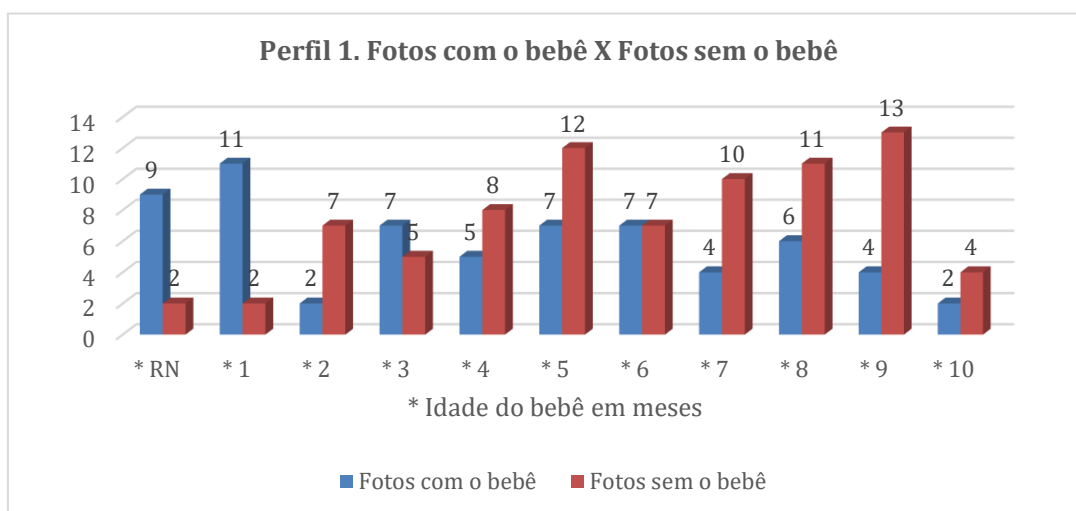
Os gráficos acima demonstram o quanto a criança tem um papel extremamente significativo na vida da mãe, e atualmente esse papel se torna ainda mais visível, considerando que as RS instigam essa exibição. No Perfil 1 e no Perfil 2 os resultados evidenciaram que quando somada as porcentagens de fotos que envolvem os bebês, indicam que em grande e até maior parte das publicações, as narrativas que incluem o bebê possuem maior proporção, representando a centralidade que o bebê ocupa na vida da mãe.

Durante a análise dos resultados identificou-se também que ambos os perfis coincidiram nas seguintes publicações/narrativas: descoberta da gravidez, ultrassom, sexo do bebê, chá de bebê, book gestante, momento do parto; que vai de encontro ao que Dramali e Karam (2017) pontuam como prelúdio à espetacularização, ou seja, estreia de um espetáculo que demandou tempo com ensaios, treinos e preparações. O book newborn, registros de todos os mesversários, fotos com o tema de natal, primeiro dia dos pais/mães e dia das crianças também foram expostos. Maior parte dessas publicações abrangem a cultura material e em razão disso aumenta-se a movimentação no comércio que vêm inovando cada vez mais para atingir esse público, isso rememora novamente o filósofo Bauman (2009) que compara a sociedade contemporânea à uma vida de consumo, e valida sua fala ao evidenciar que “o lixo é o principal e comprovadamente o mais abundante produto da sociedade líquido-moderna de consumo” (p.17).

Mesmo possuindo algumas características em comum, como apresentado nos quadros 2 e 3 de identificação de perfis, além das citadas anteriormente, fica explícito que o Perfil 2 quando comparado ao Perfil 1 apresenta um maior número de publicações relacionadas ao bebê, uma vez que o gráfico 6 denota que em vários meses houveram somente registros da criança,

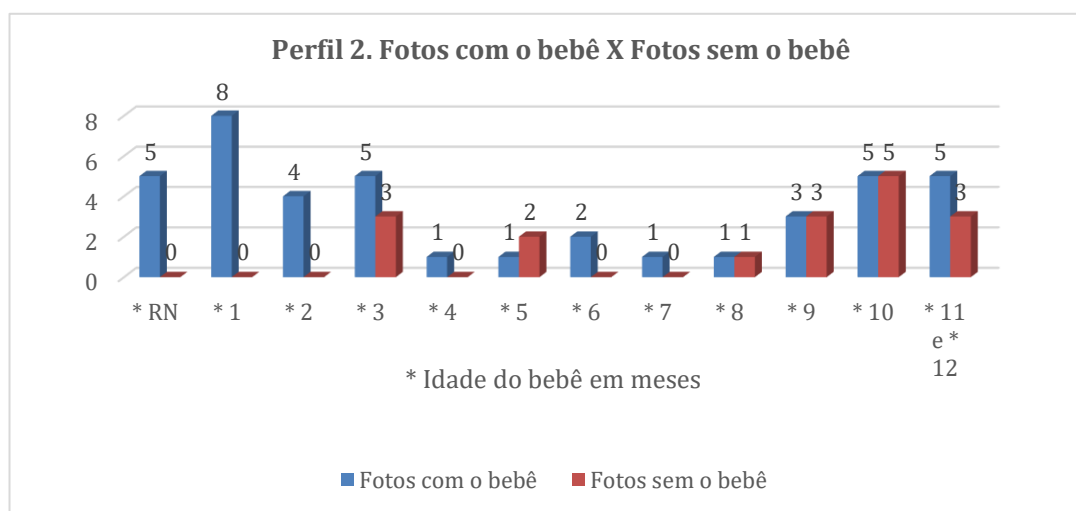
enquanto que no Perfil 2 como verificado no gráfico 5, em todos os meses, mesmo que as vezes em menor quantidade consta outras publicações que não envolvem o bebê.

Gráfico 5 - Perfil 1. Fotos com o bebê X Fotos sem o bebê



Fonte: Elaboração próprio autor (2019)

Gráfico 6 – Perfil 2. Fotos com o bebê X Fotos sem o bebê



Fonte: Elaboração próprio autor (2019)

Em relação aos resultados dos gráficos apontados nesse capítulo, relembra-se que a análise foi construída a partir de cada publicação materna, e que cada post contém uma ou mais fotos. Logo, se adentrasse em cada publicação o número de fotos correspondentes ao bebê seria ainda maior. É importante informar que publicações como vídeos, stories, fotos de perfil e capa não foram considerados nessa pesquisa.

Frente aos resultados apresentados e discutidos no decorrer deste capítulo, é relevante destacar Farias (2018) que contribui com esses resultados ao alegar que as crianças

contemporâneas já nascem imersas nas tecnologias digitais. Em muitos casos, até mesmo antes do nascimento do bebê, o mesmo já possui página nas RS e até mesmo canal de vídeos em plataformas como o YouTube. O bebê do Perfil 1 representa um desses exemplos, pois antes de nascer já tinha um perfil no IG (página administrada pelos pais), e até o seu oitavo mês de vida (08/08/2019) já possuía 82 publicações e mais de 4.700 seguidores.

Os resultados verificados, bem como os autores reportados nesse trabalho indicaram que de fato ocorre uma espetacularização em torno da maternidade nas RS e que estão entrelaçados à espetacularização um conjunto de fatores ligados ao consumo, a necessidade de emitir registros e ser aceito, as exigências do público, a cultura material que tanto remete ao setor econômico como traz Debord (1997), que usufruem e se apropriam desse período para lucrar, como também está associada numa visão positiva como trouxe Dramali e Karam (2017) ao pontuar que a cultura material da gravidez, os objetos e status sociais favorecem a assimilação da maternidade e dão sentido ainda mais aguçado à ela. As autoras ainda se remetem a cultura material como um fator primordial para estruturação da identidade do bebê e para a reorganização da mãe, que agora passa a exercer novos papéis.

Os desfechos dessa pesquisa levam a consentir com a visão de Maheirie (2002) compreendendo que o indivíduo é produto e produtor e que isso perfaz o seu processo de construção, que é realizado no meio e em conjunto com o coletivo, que aflora o entrelaçamento entre diferentes singularidades permitindo a mútua formação de histórias, e a RS de certa forma oportunizam esse movimento.

No que tange as repercussões da maternidade, espetacularização e RS, temas pesquisados e abordados nesse trabalho, faz jus ao que as autoras Dramali e Karam (2017) pontuaram ao abordar que a gestação/maternidade são acontecimentos inerentes ao corpo e a própria vida da mulher que o vivencia e ainda que isso seja algo privado, é marcado pela persuasão social, materialidade e padrões que comprovam a espetacularização, traços esses que eclodiram nessa pesquisa.

Cabe ainda pontuar que a leitura desse trabalho se constituiu a partir de mães que tiveram uma experiência positiva sobre a construção e representação da maternidade, elaborando esse processo positivamente, apesar de possíveis percalços que possam ter ocorrido nesse período.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que o objetivo principal desse trabalho sucedeu na compreensão da espetacularização materna nas redes sociais, verificou-se que foi possível acompanhar toda a trajetória através das RS, desde a revelação da gravidez até o nascimento do bebê. Por meio das análises das publicações dos perfis, observou-se que os resultados foram de encontro as literaturas utilizadas, as quais proporcionaram, deram destaque e fundamento aos objetivos específicos no decorrer da pesquisa.

A partir das narrativas expostas pelas mães, identificou-se que os aspectos (psicológicos, biológicos, sociais e somáticos) envolvidos nesse processo, influenciaram na construção da maternidade e no vínculo mãe-bebê. O narcisismo materno também identificado nos dois perfis, refletiu o desejo da mãe em estabelecer uma relação imaginária e singular com o bebê, depositando neste um grande investimento, o qual também foi demonstrado (pelas mães) nas RS, e contemplado (pelo público/seguidores) através de likes e comentários.

Em relação a subjetividade do sujeito, foi apurado que esta sofre influência do meio social, e que as RS mediam a relação entre a subjetividade das mães e a visibilidade dos conteúdos publicados. No que concerne à espetacularização da maternidade nas RS, evidenciou-se que em ambos os perfis pesquisados foi possível acompanhar as relações sociais mediadas pela publicização das narrativas maternas, concebendo a partir da produção de imagens vigor à espetacularização.

De acordo as situações apontadas aqui, compreende-se que há uma inserção dos bebês no meio digital e que a espetacularização em torno da maternidade envolve além de aspectos psicológicos, a cultura material/consumismo, o status social e pressão em atingir esse status, que é demarcado pelo público.

Sugere-se que mais estudos relacionados ao tema sejam realizados, a fim de pesquisar um maior público materno. Acredita-se ser pertinente uma pesquisa que verificasse também como e se ocorre essa espetacularização paterna na RS, quais seriam as possíveis divergências entre o público materno e até mesmo um estudo longitudinal, visando observar as consequências psicológicas nos bebês - alvo desse “hiperinvestimento” narcísico -.

Inclui-se ainda que a psicologia muito tem a contribuir neste cenário (espetacularizado, consumidor e adeptos da tecnologia), tendo em vista que pode auxiliar a partir de análises e aportes teóricos para maneiras saudáveis de se vivenciar o meio tecnológico, considerando que tanto o capitalismo, quanto a pressão social relacionada ao “ter” enaltecendo a quantidade, fortalecem o mercado e corroboram para uma sociedade de comercialização e consumo

exacerbado, interferindo em diversos contextos, podendo trazer danos patológicos e/ou psicopatológicos ao indivíduo.

Por fim, este trabalho também propõe a reflexão acerca do uso desses aparatos tecnológicos, que em se tratando da produção de imagens nas RS pode trazer benefícios como, por exemplo, o prazer na construção dessas narrativas, a lembrança dessas memórias, entre outras formas de “estar” nesse meio tecnológico que podem ser apreciadas tanto pelo produtor, quanto pelo público que acompanha, possibilitando diferentes formas de se relacionar. Contudo, quando utilizado obsessivamente pode trazer malefícios a saúde física e mental, assim, faz-se necessário estar atento em como estes meios estão sendo utilizados.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. das G. **Considerações sobre o narcisismo**. Estud. Psicanal. Belo Horizonte, n. 34, p. 79-82, dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 abr. 2019.
- AMARAL, Rogério do. **Exposição privada nas redes sociais: uma análise sobre o Facebook na sociedade contemporânea**. 2016.
- BAUMAN, Z. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBOSA, P. Z.; ROCHA-COUTINHO, M. L. **Maternidade: novas possibilidades, antigas visões**. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 163-185, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 mar. 2019.
- BELTRAME, G. R.; DONELLI, T. M. S. **Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis**. *Aletheia*, n. 38-39, 2012.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetificação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BOWLBY, J. **Apego**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BORSA, J. C; DIAS, A. C. G. **Considerações acerca da relação mãe-bebê da gestação ao puerpério**. *Rev. Contemporânea Psicanálise e Transdisciplinaridade*, v. 2, p. 310-21, 2007.
- BRUNO, F. **Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação**. *Revista Famecos*, v. 11, n. 24, p. 110-124, 2004.
- CANANÉA, L. V. T.; ROCHA, M. M. V.; TARGINO, M. das G. **Maternidade em pauta: reflexões sobre ativismo digital e sua relação com a competência em informação**. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, v. 8, n. 3, p. 20-39, 2018.
- CANAVILHAS, J. M. M. **A Internet como memória**. *BOCC*, 2004.
- CARNEIRO, R. **Circulando imagens, circulam antropologias: mulheres, políticas do corpo e espetacularização da vida**. *Sociedade e Cultura*, v. 17, n. 2, 2014.

Caderneta da Gestante, Brasília – DF, 4º ed. 2018. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/saude-para-voce/saude-da-mulher/caderneta-da-gestante>.

CAPELAS, B. Brasileiro que criou o Instagram: Mike Krieger fala sobre o futuro do aplicativo. **O Estadão**. São Paulo, p. 1-2. 11 dez. 2014. Disponível em: <http://link.estadao.com.br/noticias/geral,brasileiro-que-criou-o-instagram-mikekrieger-fala-sobre-futuro-do-aplicativo,10000029973>>. Acesso em: 07 abri. 2019.

COSTA, N. R. A; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, p. 425-434, 2007.

CRUZ, E. Love is in the air: a felicidade representada e perdida nas redes digitais. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/4o-encontro-2016/historia-da-midia-digital/love-is-in-the-air-a-felicidade-representada-e-perdida-nas-redes-digitais/view>>. Acesso em 06 mai. 2019.

DE FELICE, E. M. Trajetórias da maternidade e seus efeitos sobre o desenvolvimento infantil. **Mudanças-Psicologia da Saúde**, v. 14, n. 1, p. 7-17, 2006.

DE SANTI, P. Consumo e desejo na cultura do narcisismo. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 2, n. 5, p. 173-204, 2008.

DE ARAGÃO, R. O. **A construção do espaço psíquico materno e seus efeitos sobre o psiquismo nascente do bebê**. 2007. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

DE CARVALHO RETTORE, A. C. et al. A exposição da imagem dos filhos pelos pais funcionalizada ao melhor interesse da criança e do adolescente. **Revista Brasileira de Direito Civil-RBDCivil**, v. 8, n. 02, 2017.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DESSUANT, P. **O narcisismo**. Tradução de Ricardo Luiz Saliby. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

DESSEN, M. A. et al. A ciência do desenvolvimento humano. **Tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DUARTE, M. S.; CHATELARD, D. S. **Mal-estar moderno ao pós-moderno**: reflexos sob a histeria. 2013.

DRAMALI, B. L.; KARAM, K. de A. Cultura material da gravidez: distinção, identidade e materialidade da mãe e do bebê. **Trama: indústria criativa em revista** ISSN 2447-7516, v. 3, n. 1, 2017.

FARIAS, M. N. Vício pelas telas digitais: Contribuições do pensamento de Christoph Türcke para a educação corporal. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, v. 9, n. 1, p. 159-178, 2018.

FACEBOOK. Our Mission. Facebook Newsroom. 2018c. Disponível em: <<https://newsroom.fb.com/company-info/>>. Acesso em: 07 abril. 2019.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 296.

LOPES, R. de C. S. et al. O antes e o depois: expectativas e experiências de mães sobre o parto. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 247-254, Aug. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 abr. 2019.

MAHEIRIE, K. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, v. 7, n. 13, p. 31-44, 2002.

MELMAN, C. **Novas formas clínicas no início do terceiro milênio**. Porto Alegre: CMC, 2003.

MILLER, D. Consumo como cultura material. **Horiz. antropol.** Porto Alegre. v. 13, n. 28, p. 33-63, Dec. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 mar. 2019.

MOURA, S. M. S. R. de; ARAUJO, M. de F. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 44-55, mar. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 19 abr. 2019.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Editora Pontes, 2001.

PAIVA, C. C. de. O Espírito de narciso nas águas do Facebook: as redes sociais como extensões do ego e da sociabilidade contemporânea. In: **INTERCON-XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2012.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PICCININI, C. A. et al. Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao seu bebê. **Psicologia: teoria e pesquisa. Brasília**. Vol. 20, n. 3 (set./dez. 2004), p. 223-232, 2004.

PICCININI, C. A. et al. Gestação e a constituição da maternidade. **Psicologia em estudo. Maringá**. Vol. 13, n. 1 (jan./mar. 2008), p. 63-72, 2008.

PICCININI, C. A. et al. Percepções e sentimentos de gestantes sobre o pré-natal. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 27-33, Mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 jun. 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

RAPOPORT, A.; PICCININI, C. A. Apoio social e experiência da maternidade. **Journal of Human Growth and Development**, v. 16, n. 1, p. 85-96, 2006.

RÉ, A. H. Nicolai. Crescimento, maturação e desenvolvimento na infância e adolescência: Implicações para o esporte. **Motricidade**, v. 7, n. 3, p. 55-67, 2011.

RECUERO, R. C. Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no Orkut e nos Weblogs. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 28, 2005.

RECUERO, R. C. Estratégias de personalização e sites de redes sociais. **Comunicação, mídia e consumo, São Paulo**, v. 5, n. 1, p. 2, 2009.

SARAIVA, J. E. M. Do individualismo moderno ao narcisismo contemporâneo: a produção da subjetividade na cultura do consumo. **Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura**, v. 2, p. 47-64, 2000.

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 5, p. 47-59, 2001.

SCHNEIDER, R. Narrativas da maternidade no YouTube. **Temática**, v. 14, n. 12, 2018.

SIBILIA, P. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TÜRCKE, C. Sociedade excitada: Filosofia da sensação. Tradução: Antonio A. S. Zuin... [et al.]. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.

TRINDADE, Z. A.; ENUMO, S. R. F. Triste e Incompleta: Uma Visão Feminina da Mulher Infértil. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 151-182, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 abr. 2019.

VERMELHO, S. C.; VELHO, A. P. M.; BERTONCELLO, Valdecir. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. 4, p. 863-881, 2015.

WAGNER, A. et al. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 181-186, Aug. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722005000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 19 mar. 2019.